



7.5  
Juscel

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**A CAMPANHA DE PELO CHÃO TAMBÉM SE  
APRENDE A LER ( 1961 = 1964 )**

**1993**



NIVEA MARIA DE FIGUEIREDO MORENO



A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER  
(1961 - 1964)



MANOGRAFIA  
Disciplina: Pesquisa Histórica II  
Orientadora: Marlene da Silva Mariz  
Curso: História  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

NATAL, DEZEMBRO DE 1993

S U M Á R I O



PÁGINA

INTRODUÇÃO

I - A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER- CONSIDERAÇÕES GERAIS.	05
II - CONJUNTURA NACIONAL NO PERÍODO 1961 - 1964.	08
III- CONJUNTURA ESTADUAL.	11
IV - A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER.	14
V - CONCLUSÃO	18
VI - BIBLIOGRAFIA	19

## I N T R O D U Ç Ã O



Neste trabalho, pretende-se abordar o assunto "DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER", como movimento afastado dos padrões convencionais de educação, onde a escola funcionava sem dinheiro, sem espaço apropriado, sem material pré-fabricado e com uma metodologia específica.

A campanha se desenvolveu em oito fases e se caracterizou como movimento radical em favor das necessidades gerais da população de Natal e em especial como instrumento de expansão da cultura e da educação do povo.

Foi uma tentativa de erradicar o analfabetismo e uma oportunidade de analisar e questionar a situação política, econômica e social da cidade, dentro do contexto estadual e nacional.

Inicialmente, a campanha pretendia oferecer educação para todos. Ao longo da sua trajetória, avança e passa a encarar a educação e cultura como instrumento de libertação. Propunha que o homem fosse o sujeito da própria criação cultural e não, somente, um receptor de expressões culturais.

O caráter inovador do movimento é, acima de tudo, o rompimento com o modelo oficial da escola acadêmica e burguesa. O acesso à escola, independia de qualquer requisito, razão pela qual, as camadas populares foram contempladas. Ainda por cima, a experiência começou pela prática e só depois atingiu a teoria, graças ao seu surgimento, de baixo para cima, a partir das reivindicações populares.

No princípio, a qualificação do professor era deficiente, uma vez que os treinamentos eram curtos e o pessoal tinham fundamentação superficial. No decorrer da campanha, esse aspecto foi aprimorado e, certamente a qualidade da ação docente se tornou mais eficaz.

Com o golpe de 1964 e com a implantação de um regime político autoritário, gerido por setores militares ultraconservadores, ocorreu a demolição do processo mobilizatório, com a intervenção nos sindicatos, destruição de entidades estudantis, extinção dos movimentos e campanhas de educação e cultura popular. Era o ocaso da participação popular e da campanha de pé no chão também se aprende a ler.

Quando tudo chega ao fim, resta apenas o exemplo que foi dado, através da campanha, e espera-se que seja aproveitado, no futuro.

## I- EDUCAÇÃO POPULAR E A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER.

A educação de adultos, na concepção de educação popular, é desenvolvida a partir do entendimento de uma sociedade estratificada em grupos ou dividida em classes com interesses particulares. Nesse aspecto, busca aproximar-se da realidade concreta das camadas subalternas para chegar a uma proposta educacional comprometida com seus interesses específicos.

Sob esse enfoque, entende-se o indivíduo enquanto produtor e produto de um determinado sistema sócio-econômico e político, isto é, pensa-se se o ser humano enquanto inserido em uma classe social. Sendo assim popular a categoria social contrarosta à das pessoas que exercem funções intelectuais, administrativas e patronais. (1) *em 2*

Nesta abordagem, não se busca apenas desenvolver as capacidades e talentos individuais, mas parte-se à procura dos interesses coletivos das camadas populares.

A educação, se visto pelo prisma da educação popular, apresenta novas e desafiantes perspectivas de trabalho, que implicam na necessidade de se repensar a estrutura da sociedade como um todo, bem como as práticas tradicionais, da educação em vigência.

A campanha de pé no chão também se aprende a ler atingiu um desenvolvimento considerável, na ocasião em que as classes dominantes enfrentavam uma crise institucional política e econômica, enquanto os trabalhadores alcançavam progressos significativos no âmbito político.

A mencionada campanha surgiu por iniciativa de uma liderança oriunda do PCB, com a derrota da ditadura de Getúlio Vargas. tal liderança não manteve ligações estreitas com as oligarquias que dominavam a vida política e econômica do Rio Grande do Norte, todavia não conseguiam se impor inteiramente a essas facções. Ocorreram alianças que não eram coesas, devido as concepções ideológicas paradoxais.

A campanha de pé no chão foi idealizada com a noção de educação e cultura, enquanto forças redentoras da sociedade. Sabe-se que a sociedade é constituída por vários segmentos. Desta forma, uma transformação social, não seria assim tão simples e abrangeria diversas frentes.

Por outro lado havia uma confusão entre "popular" e "nacional". Não houve uma separação plena de interesses da classe burguesa, isto é, existia uma relevância do conceito de "nação" sobre o de "classe".

Em seu curto tempo de vida, a campanha evoluiu, de uma pedagogia liberal de reprodução do sistema até a pedagogia reformista que começou por questionar a injustiça social e culminou com denúncias acerca do capitalismo. (3)

Apesar de algumas falhas, a campanha de pé no chão, foi um marco no sistema educacional Norte Riograndense pelo seu caráter evolutivo na área de conceitos políticos. Quando por ocasião do golpe de 1964, foi debelado por segmentos autoritários. A ascensão das classes populares no campo político foi contida pelas forças despóticas e conservadoras da sociedade brasileira que foram e são subservientes ao capitalismo internacional.

N O T A S

1- GERMANO, José Wellington - lendo e aprendendo : A  
campanha de pé no chão.

2- GOES, Moacyr - de pé no chão também se aprende a ler.

## II- CONJUNTURA NACIONAL (1961 - 1964)

No início da década de 60, a crise brasileira é econômica, social e política. No entanto, o progresso industrial era uma realidade, mas a inflação também, uma vez que atingia índices assustadores.

A situação inflacionária levou o País a um sério impasse, já que os sindicatos forçaram aumentos salariais, o que pressionou o custo da produção, agravando o problema dos aumentos de preços. Os governos da época não sabiam como agir, visto que, o empresariado não aceitava tabelamento ou redução de lucros e a classe trabalhadora não aceitava congelamento salariais.

A partir daí, o nível de crescimento baixara em decorrência, também de alguns pontos de estrangulamento; necessidades de bens de capital; necessidade de ampliar mercados para os bens de consumo, entre outras. (1)

No Brasil, país terceiro mundista, dependente, se confrontavam interesses econômicos dos mais diversas ordens: o latifúndio impenetrável as mudanças sociais; os grupos ligados à internacionalização do capital, buscavam o poder político indispensável à segurança de sua reprodução; a chamada "burguesia internacional" preferia aliar-se ao capital internacional à fazer concessões a força de trabalho. (2)

Neste curto espaço de tempo, o Brasil teve dois sistemas de governo: Presidencialismo e Parlamentarismo. Este surgiu como medida conciliatória para evitar conflitos decorrentes da não aceitação de João Goulart por setores conservadores civis e militares.

O Parlamentarismo durou cerca de dois anos e foi abolido por um plebiscito, que estabeleceu a volta do presidencialismo.

O grande número de partidos políticos e a falta da unidade dentro dos mesmos, ocasionou o surgimento de várias tendências.

A esquerda congregava diversas entidades, tais como: Ação Popular, CGT, UNE, Ligas Camponesas, o Partido Comunista Brasileiro, a la esquerda do PTB e outras agremiações menores.

A direita reunia empresários, profissionais liberais, militares, a ala conservadora da igreja católica, latifundiários, entre outros. (3)

Tudo isso ocorreu numa sociedade em que o movimento operário era frágil, pela sua dependência de Estado interventor de sindicatos; em que o campo estava iniciando a organização de seus trabalhadores em Ligas Camponesas e Sindicatos Rurais; em que as camadas médias eram atravessadas pela " indústria do anti-comunismo"; em que os intelectuais orgânicos da classe dominante atuavam no Congresso Nacional, formavam a opinião Pública através dos meios de comunicação de massas, da escola, de parte da escola, de parte de igrejas, de outras organizações, instrumentalizando conceitos ideológicos de " civilização Ocidental Cristã", corrompendo com o dinheiro da embaixada americana e eleições de 1962 com o objetivo político de



conservação das estruturas, contra as reformas ou qualquer

mudança, escamoteando a discussão de lutas de classes.

Os grupos que exigiam reformas sociais multiplicavam-se. O populismo evoluía de maneira rápida e desordenada, chegando ao campo através das ligas camponesas lideradas Francisco Julião. A crise social continuou latente e latejante, sem um canal efetivo de comunicação com as massas.

O campo educacional, do período apresentava todos os sintomas da prolongada crise que exigia reformas fundamentais. O ensino estava cívico e como tal, incapaz de fornecer às gerações em formação, instrumentos adequados à vida. (4)

Em 1961, o MEB ( Movimento de Educação de Base) emerge oficialmente, de um convênio da CNBB com o governo Federal. Sua área inicial de atuação é o desenvolvimento brasileiro: Norte, Nordeste e Centro Oeste, expandindo-se, posteriormente para outras regiões. (5)

A mais longa discussão em termos de educação em nível nacional, foi o debate sobre a Lei de Diretrizes e Bases que culminou com a promulgação da Lei 4.024 em Dezembro de 1961.

Durante o período de 1961 -1964, o Brasil teve tres Presidentes: Jânio Quadros, Ranieri Mazzilli e João Goulart e a partir de 31 de Março de 1964, ocorreu o golpe militar que depôs João Goulart, inaugurando no país uma fase repressiva, voltada para caminhos opostos a tudo que alimentou as esperanças populares.

N O T A S

1-LOPEZ, Luiz Roberto. História do Brasil Contemporâneo

2-CUNHA, Luiz Antonio. O papel da Educação

3-MOCELLIN, Renato. História do Eixo Brasileiro Império e República.

4-SODRÉ. Nelson Werneck. O que se deve ler para conhecer o Brasil

5-GOES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler



### III - CONJUTURA ESTADUAL / MUNICIPAL

No período de 1961 - 1964, a situação política do Estado era um misto de práticas modernizadoras e práticas clientelísticas/conservadoras. O Governo repetia procedimentos antigos, apenas com uma nova roupagem, confirmando assim, a preservação do poder oligárquico. Desenvolvia uma grave perseguição aos adversários e repressão às manifestações coletivas.

Aos trabalhadores era negado o direito de participar de greves e se manifestar livremente.

O Rio Grande do Norte, bem como todo o Nordeste, viveu um processo de intensa luta de classes provocado pela organização de trabalhadores urbanos, mas sobretudo, pela organização dos trabalhadores rurais. A organização dos camponeses provocou forte reação por parte dos latifundiários, ao ponto de serem ameaçados de morte.

No que se refere ao campo econômico, também se encontrava em crise que se manifestou da seguinte forma: redução do índice de investimentos, queda da taxa de lucros, tudo isso agravado pela inflação. Em decorrência da crise, o governo norterio-grandense firmou um acordo com a aliança para o progresso, aceitando as condições para receber dinheiro norte-americano, a fim de realizar programas de desenvolvimento econômico.

Quanto à administração da cidade do Natal, havia uma identificação com os interesses populares, que se evidenciava pelo apoio dado às mobilizações das camadas populares, pelo desenvolvimento de uma prática política sempre voltada para os setores explorados da sociedade, pela resistência ante as pressões das classes dominantes (1)

Apesar de tudo, Natal inserido na região Nordeste, vivia graves problemas, padecendo as dores mais agudas e sofrendo das moléstias mais crônicas, uma vez que faz parte de uma região que tem os maiores recordes de subdesenvolvimento, onde o homem se distânciava, de forma desmedida, de todo o conteúdo da condição humana. Meio físico hostil e instituições superadas prendem o Nordeste num círculo fechado de pauperismo e mergulha suas populações na miséria e nas injustiças sociais. E Natal tem seu lugar nesse quadro. Como a maioria das capitais nordestinas vive o drama do desemprego e do sub-emprego, da marginalidade econômica e social de sua população. O resultado é a mendicância, a prostituição, o crime e o desassossego.

No entanto, iludiam-se os menores esclarecidos com o crescimento da cidade. Na verdade Natal crescia, apenas, horizontalmente: sem indústrias, sem aumento da riqueza social, com uma população ativa conceituada na atividade comercial e setores de serviços, com renda per capita das mais reduzidas.

Na época, a educação a nível de 1º grau, passou por um verdadeiro colapso. Os índices de analfabetismo eram altos. A

partir dessa realidade, são envidados esforços no sentido de mudar este quadro.

A educação de adultos conta com a participação do governo municipal da esquerda marxista e da igreja católica, como forças mais expressivas, surgindo a campanha de pé no chão também se aprende a ler, deflagrada em Natal, em 23 de fevereiro de 1961, no bairro das Rocas, pelo então prefeito, Djalma Maranhão, acompanhado do grupo de trabalho de Educação Popular. Havia, nesse período, uma postura mais ou menos ingênua, sob influência de um discurso vanguardista, a crença dos educadores de que poderiam vir a ser um dos principais agentes de mudanças, que fariam o milagre pelo empenho, doação e generosidade de um engajamento total.

Em sua vida curta, a Campanha passa de uma primitiva postura de "levar a verdade ao povo" para uma "troca de saberes com o povo", propondo que o homem se tornasse sujeito de sua própria criação cultural e não apenas um receptor e expressões culturais.

Em todos os campos surgem dificuldades, entraves, mesmo havendo comprometimento por parte de alguns governantes. Natal é Nordeste, vítima secular do esquecimento; eterno enteado da União, tratado com processos lentos, perdidos quase sempre no deserto da indiferença. Nossa região é destinada, talvez pela tenacidade dos seus homens, a lutar contra a própria natureza. Por isso assistimos desolados a fuga de legiões de filhos da terra. (2)

## N O T A S

1. GERMANO, José Wellington Germano. *Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão*
2. GOES, Moacir de. *De pé no chão também se aprende a ler*

#### IV - A CAMPANHA DE PÉ NO CHÃO TAMBÉM SE APRENDE A LER

No período compreendido entre fevereiro de 1961 e março de 1964, realizou-se em Natal, Rio Grande do Norte um importante movimento de educação popular - "A Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler". Foi um movimento que se propunha a desenvolver um projeto de educação, em moldes diferentes do que até então era praticado, ou seja, propunha o rompimento com as práticas convencionais de alfabetização de adultos. A educação assumia um caráter instrumental e tentava expressar os interesses populares na medida em que procurava desvendar o quadro de "injustiça social", no qual estava inserido a clientela alvo da campanha, fornecendo assim elementos que pudessem contribuir para a transformação da situação.

Com o aguçamento das contradições entre as classes, a participação popular foi crescendo e, em decorrência de inúmeras reivindicações, surgiu a Campanha de pé no chão. Os primeiros passos foram: a criação do Grupo de Trabalho de Educação Popular responsável pela sistematização inicial do movimento; realização de um curso, com vistas à preparação dos professores que iriam atuar na experiência; realização do I Seminário de Estudos dos Problemas de Educação e Cultura do município de Natal, na tentativa de sensibilizar os intelectuais tradicionais e envolvê-los na Campanha; acesso a determinados meios de comunicação, possibilitando a divulgação das intenções mais imediatas do movimento, ou seja, a erradicação do analfabetismo em Natal.

O nome da Campanha se deve a uma reportagem do jornalista Exedito Silva quanto ao acesso à escola, na qual afirmava que "até de pé no chão também se aprende a ler". Assim, a educação deixava de ser privilégio de poucos. (1)

A Campanha de pé no chão compunha-se de oito fases: as escolhinhas, o acompanhamento escolar, o ensino mútuo, as praças de culturas, o centro de formação de professores, a campanha, a campanha de pé no chão também se aprende uma profissão, a interiorização da campanha e a escola brasileira construída com dinheiro brasileiro.

As escolhinhas é a fase em que a campanha funciona em salas cedidas pela comunidade, com o material do professor e do aluno, bem como, as rústicas carteiras distribuídos pela Prefeitura de Natal, a merenda escolar fornecida pela UNICEF e a água e luz por contribuições de órgãos e associações.

O acompanhamento escolar é a segunda fase em que a escola é constituída de palha de coqueiro e de chão de barro batido, tendo de alvenaria apenas uma sala que servia de diretoria, secretária, biblioteca e os sanitários. Inicialmente construíram-se dois acampamentos nos bairros: Rocas e Carrasco. Em 1962, foram construídos mais sete nos bairros: Quintas,

Conceição, Granja Nova, Nova Descoberta, Nordeste, Aparecida e Igapó; cujo funcionamento abrangia os três turnos.

O ensino mútuo, era o atendimento a domicílio, uma vez que havia resistência em ir a escola, por parte de alguns adultos analfabetos. Este atendimento era feito por estudantes

secundaristas, voluntários ou poucos remunerados.

As praças de culturas eram constituídas de parque infantil, quadra de esporte e bibliotecas. Era o espaço onde, além de atividades recreativas, esportivas e informativas, oportunizava a organização de debates de interesses da comunidades.

O centro de formação de professores funciona em três níveis: curso de emergência para treinamento de monitores da Campanha que, em três meses, preparava o pessoal leigo; Curso Normal de grau ginásial que em quatro anos preparava os regentes de classes; e Curso Normal de grau colegial que, em três anos, preparava professores.

O Centro de formação de professores desempenhou importante papel nas áreas: docente -> treinando e reciclando professores, monitores e regentes de classes; discentes -> assegurando o rendimento da aprendizagem.

A Campanha de pé no chão também se entende uma profissão é a evolução da educação acadêmica para a educação para o trabalho. Inicialmente (1963) contava com oito cursos: corte e costura, enfermagem, barbearia, datilografia, artesanato e encadernação. A nova campanha se instalava em um dos galpões, atendendo crianças e adultos e complementando o programa educacional do município.

A Interiorização da Campanha. nesta fase, a campanha já estava consolidada em Natal e ampliava espaços, principalmente, por sua proposta de resolver com baixos custos o desafio do ensino municipal. Assim vários Prefeitos do interior assinaram convênios de assistência técnico-pedagógica com a Prefeitura de Natal: São Tomé, São Paulo do Potengi, Afonso Bezerra, Açu, Currais-Novos, São Gonçalo e Macau. Foi assim lançada a semente da Frente de Educação Popular do Rio Grande do Norte, que foi ceifada pelo golpe de 1964.

A escola brasileira construída com dinheiro brasileiro é o propósito de Djalma Maranhão para diferenciar o seu governo do de Aluizio Alves; este se apoiava em recursos norte-americanos (Aliança para o Progresso), enquanto o Prefeito de Natal conseguia recursos federais para superar o plano de emergência da Campanha e começar a edificar, de forma mais definitiva, a sua rede escolar. Assim, algumas escolas de alvenaria foram construídas, partindo de estruturas metálicas pré-fabricadas, adquiridas com os recursos liberados pelo MEC.

O caráter inovador da Campanha é não ter aceito as regras estabelecidas por uma escola acadêmica e burguesa. Não havia dinheiro, mas havia escola, sem o espaço convencional. No pauperismo emergia a escola, em virtude da proposta ter surgido de baixo, das classes subalternas. Por outro lado, a escola fugiu dos padrões normais, quando aceitou o aluno sem uniforme e sem calçado. E assim alcançou uma faixa da população que estava

condenada ao analfabetismo, por ser o segmento mais carente.

Outro fato inovador é ter começado pela prática para só depois atingir a teoria. Isso também foi possível por que a escola surgiu de baixo para cima, em termos sociais. (2)

No entanto, a ação docente não foi das melhores. O nível das professoras era baixo; o treinamento era emergencial; o espírito voluntário tem limite, sem ou com remuneração irrisória,

não há incentivo a uma prática mais consistente.

A Campanha foi interrompida pelo golpe de 1964. O movimento desencadeou uma ação rápida e fulminante, não dando margem a qualquer tipo de resistência. Presume-se que o crescimento político reivindicativo das forças populares, ameaçava a burguesia e isto, precipitou os acontecimentos, instaurando-se um regime político excessivamente autoritário e repressivo, retirando as massas do cenário político brasileiro.

A partir daí, os movimentos populares foram demolidos e severamente reprimidos, entre eles, os movimentos de educação e cultura popular. Um deles foi a Campanha de pé no chão também se aprende a ler, que teve suas salas de aulas desativadas e suas publicações recolhidas.

Com a deposição de Djalma Maranhão, Natal declinou como cidade cultural, restando apenas a lição de democracia, de participação popular, de vontade política que, certamente, no futuro, serão incorporadas em novas práticas educacionais, considerando que sua metodologia se aproxima do método Paulo Freire, e como tal servirá para aprimorar o Sistema Educacional do Estado.



## N O T A S

1. GERMANO, José Willington. Lendo e Aprendendo: a campanha de pé no chão.

2. GÓES, Moacir de. De pé no chão também se aprende a ler.

## V - CONCLUSÃO

Durante este trabalho, houve uma tentativa de apresentar a Campanha de pé no chão também se aprende a ler, com as inovações que, lhe são inerentes e com a importância que lhe é devida.

Sabe-se, entretanto, que vários programas, movimentos e campanhas foram oferecidos à população, alguns dos quais não passaram de simples tentativas de alfabetização, no seu aspecto mais arcaico, que se limita ao desenvolvimento das técnicas de leitura e escrita. Mas a Campanha de pé no chão também se aprende a ler foi mais além. Tinha uma preocupação com o homem como sujeito da sua própria aprendizagem.

Na época, uma tentativa mais ou menos ingênua, pensava-se em conscientização, em mudanças efetivas, em milagres. Por mais positiva que tenha sido a Campanha, não teria tão grande alcance, até porque a escola sempre esteve a serviço de classe dominante; sua ideologia está arraigada e por isso mesmo difícil de ser extirpada.

Espera-se, no entanto, que a semente da Campanha de pé no chão também se aprende no chão, possa um dia germinar e que o

sistema educacional norterriograndense se desenvolva em consonância com as aspirações das camadas populares.

*frace*



## VI - BIBLIOGRAFIA

- .BARREIRO, Júlio. Educação Popular e Conscientização  
Trd. de Carlos R. Brandão. Petrópolis: Vozes, 1980
- .BEZERRA, Aída. A questão política da Educação Popular  
5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985
- .BRANDÃO, Carlos R. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense.  
1985
- O que é o método Paulo Freire. São Paulo:  
Brasiliense, 1986
- .CUNHA, Luiz Antonio & Góes, Moacyr de. O golpe na Educação.  
3 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1985
- .FREIRE, Paulo. A educação como prática de liberdade. Rio de  
Janeiro: Paz e Terra, 1969.

- Conscientização. São Paulo: Moraes, 1980.
- Educação e Mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- . FURTER, Pierre. Educação e Reflexão. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- Educação Permanente e Desenvolvimento Cultural. Rio de Janeiro: vozes, 1975
- . GERMANO, José Willington Germano. Lendo e Aprendendo. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- . GOES, Moacyr de. De pé no chão também se aprende a ler. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- . MACHADO, João Batista: De 35 ao AI-5: Vivência de um reporter político. Mossoró: ASTECAM
- . PAIVA, Vanilda Pereira. Educação Popular e Educação de Adultos. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1985.
- . PINTO, Alvaro Vieira. Sete lições sobre Educação de adultos e ed. São Paulo: Cortez, 1985
- . SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia 2 ed. São Paulo: Cortez, 1984.